



INSTRUÇÃO! INSTRUÇÃO!

E' preciso acabar com a ignorância que gera o fanatismo religioso que os padres exploram

O espectáculo de fanatismo, de tacanhez mental, de bárbaro atraço que o povo dêste país vem dando desvergonhadamente perante o mundo civilizado não só deprime os poucos homens livres que por cá vivem como aponta, numa acusação inflexível, a culpabilidade de todos os governos no caos em que se encontra o problema da instrução.

Pessoa de consciência livre, de cérebro europeu, de dignidade mental, que atente por momentos no repugnante espetáculo tão cantado sob vários aspectos nas folhas piedosas, nos jornais católicos, fica horrorizada e sente a mais íntima revolta contra aqueles que, negociano com a ignorância, dela se aproveitam abusivamente.

Uma onda imoral de padres vem desde longa data catequizando gente das aldeias. O seu processo é velho, é de todos os tempos e de todas as religiões sectárias: o terror. Infunde-se o terror na alma dos povos. E quanto mais ignorantes eles são mais fáceis são de aterrorizar.

Há várias maneiras de estabelecer o terror. Ultimamente, a mais usada pela reacção clerical é a da pulverização do mundo. A aparição da Virgem e de vários santos e santas da corte do céu, que recomendam absurdos e incitam a romarias extraordinariamente rendosas, é frequente.

As peregrinações feem dado rios de dinheiro. E além do dinheiro dão crentes, pobres diabos que acreditam nos milagres e são capazes de dar a camisa para não sofrerem os castigos do céu.

A peregrinação a Fátima tem sido um terreno fértil em escudos. Mas como se ela não bastasse, como se ela não representasse ainda um tremendo abuso de confiança e uma exploração ignobil da ignorância de um povo, surgiu agora um novo processo de extorsão que revolta.

Alguém espalhou por várias povoações do distrito de Leiria que Jesus Cristo, ou nossa Senhora, apareceria a certa mulher dizendo que se impunha a tóda a gente o dever de distribuir pelo maior número possível de pessoas uns pedaços de linha sagrados. Tinham esses pedaços de linha, se fossem distribuídos por tóda a gente, o condão de evitar que o mundo terminasse antenitem, ou ainda de livrar quem os possuísse das mais tremendas desgraças.

Isto fez com que povoações inteiras de pobres fanáticos se deslocassem de terra em terra numa peregrinação estupida distribuindo linhas a todos que encontravam. Sobre um terror delirante, os fanáticos aguardaram ansiosamente o dia em que terminaria o mundo. Dizia-se também que os pedaços de linha adquiridos por baixo preço se transformariam em cordões de ouro.

Estas mentiras pueris só podem ser acreditadas por um povo ingênuo e boçal que vive mentalmente na Idade Média e que não tem do mundo moderno, civilizado, a menor.

Só um remédio eficaz existe para tão grande mal, que dá a este país o aspecto atraçoso e barbáro das mais barbares tribus: é a instrução. Mas que essa instrução seja bem livre e neutra em matéria religiosa.

Um povo de tal maneira boçal que alimenta com a sua estupidez e ignorância estas intrujices infames envergonha a espécie humana.

Para acabar com todas estas infamias um só grito se impõe neste momento, soltado como protesto das bocas de todas as pessoas livres e conscientes:

—Instrução! Instrução!

Contas de cabeça...

LONDRES, 20. — Na Câmara dos Comuns, o sr. Churchill, respondendo aos interpellantes, expôs as grandes linhas do acordo franco-ingles, precisando que, em virtude das cartas anexas, a França pode, no caso dum falso eventual da Alemanha, levantar a questão da sua capacidade de continuar o pagamento das anuidades fixadas, mas a Inglaterra reserva-se o direito de apresentar contra-argumentos, e compreende-se sómente a examinar a questão sem indicar previamente qual a solução que adoptará, permanecendo livre, justa e equitativamente, de escolher a solução que melhor se harmonize com a situação do momento. —(H.)

A BATALHA



A PROPÓSITO DO INCIDENTE DO TROVISCAL

Enquanto os clericais cínicos e soberbos tripudiam, os liberais conservam-se descuidados e apáticos

Os clericais estão tripudiando impudicamente sobre tódas as conquistas humanas no campo da liberdade. O caso de Coimbra é típico e é sintomático. Mas a arremetida dos clericais não seria possível se os liberais não tivessem tão facilmente esquecido que o inimigo comum, o inimigo factor de tódas as tiranias, o sugestor de tódas as opressões, estava vigilante, embuscado, preparando as maquinhas infernais com que, no primeiro momento, nos atacaria.

E deste crime de inérgia, deste descuido, desta falta de vigilância tem sido e continuam sendo réus todos os agrupamentos que estão seriados os liberais.

A Batalha é um paladino das liberdades, desde a liberdade de pensar e sentir até à liberdade económica. É um clarim sempre solto no espaço as notícias estridentes do clamor das consciências fortes e decididas. Que vemos? Que grande número, que o maior número dos trabalhadores cuja causa, em especial, ela advoga, deixam de a ler para se deliciarem com as notícias dos erros bisbilhoteados pelos grandes órgãos da plutocracia ou com as peripécias do foot-ball nos orgâsticos do Sport.

O que fazem os operários com a Batalha fazem-no, mais ou menos, os republicanos quanto aos mais estrutural e determinantemente republicanos.

Daí resulta que uns e outros andam cada vez mais desconhecedores das grandes causas debatidas no campo das teorias especulativas, ou no campo das realizações, na filosofia dos sistemas formulados para melhor eficiência da dinâmica social, ou na verificação e critica dos factos que dia a dia vão crescendo-se.

E o reduto da Liberdade vai sendo contaminado, e os inimigos vão infiltrando-se.

Quando os inimigos, já em número considerável, dentro da nossa cidade, levantam clamor e se prestam para nos estrangular, acordamos então e ficamos admirados deles tantas vantagens terem conquistado!

Uma atitude nobre perante um insulto sóis

Camarada director—Estranhou-se publicamente que os colaboradores das edições da Batalha recebessem dinheiro pelos seus artigos. Só quem ignore o profissionalismo jornalístico pode levantar tal reparo, uma vez que A Batalha e as suas publicações são redigidas por profissionais—gente que vive de escrever, como os tipógrafos vivem de compor, como os impressores vivem de imprimir, se viver se pode chamar a esta vida de miséria e dificuldades, parecida com uma agonia lenta, que todos nós vivemos...

Insinuou-se também que as publicações da Batalha constituiriam um feudo para os seus colaboradores. V., camarada director, sabe bem que os colaboradores dessas folhas não viviam do que delas recebiam; sabe que elas pagavam algumas vezes mal, outras vezes pior, do que os outros periódicos onde elas escrevem; sabe, em fin, que elas, profissionais honestos e competentes e, portanto, solicitados constantemente pelas empresas jornalísticas, não precisavam nem precisam das edições da Batalha para viver... Escrivem nelas por idealismo, por amor às ideias, por que haviam sido solicitados e porque não era lógico que essas publicações fossem defendidas pelos nossos adversários ou por camaradas competentes noutras profissões, mas incompetentes nessa, e que por isso, a pensar de tóda a sua boa vontade, dariam possivelmente aos leitores uma tibia expressão da mentalidade da nossa Causa.

Padagavam-nos? Sim. Mal, mas pagavam-nos. O que há de extraordinário nisto, se a Batalha e as suas publicações são feitas por profissionais, sob uma organização profissional e se nenhum do pessoal das suas várias secções trabalha gratuitamente?

Sempre que nos chamam, não como profissionais e idealistas, mas só como idealistas, estamos prontos a dar o nosso esforço, o nosso entusiasmo e a nossa alma pelo triunfo e propaganda das nossas ideias. E sempre que entendermos ser necessária a nossa cooperação, não esperamos sequer que nos chamem e não olhamos também aos prejuízos ou às consequências materiais que daí nos podem advir. E V. sabe, certamente, que isto tem sucedido várias vezes.

Porque, então aquela insinuação? Não a queremos discutir. Devemos bastante respeito ao nosso cérebro e aímos de comuns as nossas ideias, para criarmos ainda mais divisionismos, para atermos ainda mais a fogueira das paixões e dos fasciosismos que não dignificam uma mentalidade nova, livre e compreensiva.

A nossa atitude, portanto, é apenas de mágoa. Mágoa profunda, mágoa por vermos que o nosso semelhante, até aquele que nos é mais afim, não atingiu ainda a elevação mental e espiritual que a humanidade necessita para formar sobre os escombros da sociedade infusa um mundo novo.

Isso levou a uma discussão acalorada durante a qual Mussolini ameaçou Farinacci com a expulsão do partido fascista. «Sabeis que não o ousores», foi a resposta de Farinacci.

Segundo uma outra versão que eu dou, porque é digna, Farinacci também deu um sôcio na carca do «Duce».

E' significativo que a atitude das entidades fascistas de responsabilidade em Roma para com Farinacci mudou visivelmente desde esta entrevista. Os fascistas que o atacavam amargamente nos últimos tempos embainharam agora a espada.

A paz nas ruas

Na última semana houve desordens em Cremona entre os partidários de Farinacci e os de Federzoni de Casalmaggiore e Resina. Os últimos foram postos fora de Cremona.

Também ocorreram lutas nas ruas de Nápoles entre os «farinaccistas» e os nacionalistas, sendo estes novamente vencidos.

Mas os mais notáveis incidentes da semana sucederam em Florença. Os fascistas

os republicanos chegaram até à proclamação do actual regime político com uma opinião bem formada a respeito do clericato.

Os clericais, nos últimos anos do regime monárquico, sentindo-se quais tão fortes como agora estão sentindo-se, vinham protegendo os seus arremetidas aos direitistas dos indivíduos e aos direitos do estado, uma ação decisiva pela qual elas ficaram, de vez, impossibilitados de assassinarem a liberdade.

O Governo Provisório, ou melhor, um estadista republicano desse governo, preparou e publicou um diploma que, se tivesse sido uma aplicação intríngue, teria acabado, dentro de poucos decínios, com a separação das Igrejas era justa, completa e previdente.

A Lei do Registo Civil e a Lei da Família formavam com aquela a trilogia basilar da consciência.

Mas do velho partido que efectuava a República foram saíndo grupos que se congregaram em partidos e estes, não lhes sendo possível arrastar consigo a massa dos antigos republicanos, desprezando os moldes, as intenções e razões de ser que a todos congregava na luta contra a reacção política económica e de livre pensamento, atenderam, tão sómente, ao particular interesse de grupo e, presumindo que engrossariam as suas hostes com os reaccionários, juntaram-se a mesma na guerra contra a Lei de Separação, a Lei de Família e à Lei do Registo Civil!

Entretanto uns e outros, sob direcção subreptícia e vulpina dos clericais, vieram envenenando as consciências dos trabalhadores, afastando-os da República, já impedindo os governos republicanos para a violência entre os mesmos trabalhadores, já abusando da ingenuidade e boa fé destes, semeados-lhe no seio de suas organizações directivas que sendo exagerados no momento, compeliam os timoratos a cerrarem

fileiras em volta dos reaccionários como se nesses estivesse o óptimo estio contra uma possível derrocada social que era favoravelmente conciliada pelos habilidosos como sendo o termo a que a República extrema deixava conduzir a sociedade portuguesa.

Por outro lado, o partido político que conservava os pergaminhos do velho partido republicano e que tinha a responsabilidade da Lei da Separação, perante a guerra que todos os demais lhe faziam e para atenuar os efeitos da propaganda que entre os desprevidos os seus inimigos vinham fazendo e sob o pretexto da referida lei, foram atenuando, também, um pouco o zélo com que haviam defendido essa lei, traindo-lhe, quantas vezes, o espírito e até a letra.

Os clericais continuavam o seu trabalho de sapa. Inspiraram e dirigiram os seus naturais aliados—a plutocracia e a força armada.

A banca, a cruz e a espada, de mãos das liberais, vinham infiltrando-se pelo campo dos liberais.

Os liberais ascendiam, cada vez mais, o incêndio dos seus dissídios.

Os próprios trabalhadores dividiam-se e subdividiam-se e deixavam de pensar, como antes de 1910 haviam pensado, que as liberdades se conquistam a uma a uma e que é mister seguir bem as conquistas feitas, consolidando-as, antes de ir mais além:

Abandonaram a República e não robusteceram a própria organização. Resultado?

Foram todos forçados a retirar para posições muito a rectangular: voltámos a estar em situação inferior àquela em que estávamos em 1905.

Retrogrammos trinta anos pelo menos. E, porque assim foi, nós hoje estamos a mercê dos clericais como só o havíamos estando anteriormente a 1834 e à mercê da plutocracia como o havíamos estado anteriormente.

Eu bem sei que a Liberdade há de acabar pelo triunfo; eu bem sei que esse triunfo

há de ser retumbante; mas esse triunfo há de custar-nos, escusadamente, muitas lágrimas, muito sangue, muitas vidas.

Os próprios dominados de hoje, pela inferioridade de critério, pela cegueira com que obstinadamente pretendem recolher o frondoso carvalho à pequena grandeza germinou, que pretendem voltar ao tempo da Idade-Média, há de congregar-nos a todos e compelir-nos a dar-nos as mãos e, entoando o mesmo canto, avançar sobre o inimigo comum que pulverizaramos.

Mas quantas energias dispersas e quantas vidas fanadas pelo árduo caminho?!

Quanta dor não há de alcançar-nos até esse dia de redenção?

O cinismo e a soberba do bispo de Coimbra, por ocasião das festas da cidade, a humilde subserviência a do seu miserável fáculo, o procedimento do governo central mantendo, a-pesar-de-tudo, o seu delegado que prefira obedecer a Roma a obedecer às leis do país, tudo isso não passa do prelúdio das violências que vão ser perpetradas.

E os liberais? E o povo trabalhador?

Ah! onde vão lendo os grandes órgãos de plutocracia, e vão narcotizando-se pelas fábulas dos jogos do futebol aspirando que a banca, a espada e a cruz os ilhaquinhas de tal modo que toda a resistência venha a ser quase impossível. Pois é mister acordar.

Amanhã será demasiadamente tarde.

F.

N. R.—Não está este artigo absolutamente em harmonia com as doutrinas que norteiam A Batalha. Revela um espírito liberal e progressista extremamente simpático, embora se limite a fazer a apologia dos principios republicanos na sua pureza.

A Batalha vai, mais além, a república só não a satisfa. Publica entretanto o artigo já pela consideração que o seu autor lhe merece, já porque neste momento para atacar o reduto reaccionário e clerical todas as munições são poucas.

GUERRA SEM QUARTEL

Os rifenhos infligem novas derrotas a franceses e a espanhóis

Os telegramas vêm referindo há dias uma nova ofensiva das tropas francesas contra os rifenhos. Não deixou de surpreender a opinião pública em França esta nova ofensiva, uma vez que o governo, ao contrário do que se poderia deduzir dos comunicados oficiais, declarava perentoriamente que o Riff estava pacificado, permitindo que se iniciasse a fase colonizadora.

As primeiras notícias, vagas, sem previsões, começam chegando a Paris. Sabe-se, depois, que uma tribo, a Ait Tsegrouchen, considerando que Abd-el-Krim havia atraído a causa nacional, pactuando com os franceses, tem resistido encarniçadamente.

E os franceses ficaram pasmos ante a resistência dos rifenhos, que é de tal ordem, e com tão forte espírito de resistência, que o chefe da nova revolta ainda não é conhecido.

Enquanto os espanhóis se mantinham imobilizados, os franceses preparam e punham em movimento uma larga ofensiva, tendo por objectivo a região de Tazza, que supõem ser o foco insurreccional.

A situação é grave e os comunicados procuram dissimular essa gravidade. A pensar de todas as reservas oficiais e oficiais, conhecem-se em França e em Espanha a extensão de uma nova derrota pelos rifenhos, infligida aos invasores da sua terra.

Várias colunas francesas de ataque foram repelidas nos territórios das Altas Teuguech e Ouarrain. Sentindo o inimigo em fuga, batendo-se como demônios—no dizer da carta de um soldado—os rifenhos lançaram a contra-ofensiva, levando mais longe a derrota do inimigo.

penas como ponto essencial, o poder garantir, que a circulação fiduciária não será aumentada. Nos círculos bem informados afirma-se, porém, que na próxima quinta-feira o tesouro tem de efectuar pagamentos que se elevam a dois milhões de francos, e que as suas caixas se encontram exaustas. —(L.)

Os nacionalistas já atacam

PARIS, 20.—A imprensa nacionalista ataca fortemente o sr. Herriot e o seu gabinete, afirmando que nem Herriot nem De Monzie são capazes de lutar com a situação atravessada neste momento pela França. —(L.)

Pânico da Bolsa

PARIS, 20.—A libra atingiu ontem a cotação de 237 francos, provocando grande pânico na Bolsa. O «Victoire» prevê que a libra atinge dentro de pouco tempo a cotação de quinhentos francos. —(L.)

Manifestações violentas contra a carestia da vida

PARIS, 20.—A desida do franco originou ontem uma formidável pânico em toda a cidade, com consequências que podem vir a ser fatais.

Em muitos estabelecimentos recusavam-se a aceitar o papel-moeda francês; os padeiros elevaram o preço do pão, o que deu origem a tumultos e assaltos a algumas padarias, o que os levou a desistir daquela elevação.

Grandes grupos de manifestantes exaltadíssimos apuparam grupos de turistas americanos e ingleses, estando iminentes sérios conflitos, a que a polícia pôs termo, tentando-se no entanto as autoridades que elas possam prosseguir e assumir caráter de gravidade, pelo que estão tomadas várias providências, patrulhando-se mais fortemente os principais pontos da cidade visitados por estrangeiros e mantendo piquetes de prevenção. —(L.)

PREMIO GRANDE

50 contos

O dia 17 coube ao n.º 4841, na felicidade Lata, Largo do Conde Barão, 5. Número certo nesta casa.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Liga Educativa «Os Perseverantes» — Para assunto muito importante, reunião, pelas 19 horas, a assembleia geral.

Partido Socialista.—Toman hoje posse, às 22 horas, dos cargos para que foram nomeados no último Congresso realizado em Lisboa, os membros da Junta Directiva e do Secretariado Nacional—seção Sul—do P. S. P.

Foram convidadas todas as agremiações socialistas a assistirem a este acto.

A ruina do franco

BRUXELAS, 20.—O governo deliberou instituir um imposto sobre os preços dos hoteis e das compras efectuadas por estrangeiros. Todos os divertimentos nocturnos foram proibidos e pesadas multas serão aplicadas aos propagadores de notícias tendentes a desvalorizar o franco. Foi proibida a exportação de cereais e de óleos só poderá realizar-se mediante licenças especiais. —(L.)

TEATRO AVENIDA
Hoje, às 21:30
A SENSACIONAL PEÇA
O Dr. da Mula Ruça
12 números de música 12
Orquestra Jazz-Band

As mulheres devem ser ministras
LONDRES, 20.—Numa conferência realizada hoje em York foi aceite o princípio geral de admissão das mulheres nos ministérios, com a condição de serem demitidas logo que se casem.

UM LARCO VOO, SEM ESCALA
PARIS, 20.—O tenente Threlots efectuou sem escala, o voo Varsóvia-Paris, na sua «avionette», à velocidade horária de 143.760 metros. —(L.)

O que se passa na Polónia
VARSÓVIA, 20.—A Dieta limitou poder do governo no que respeita aos orçamentos e regeu o limite de idade para os eleitores e elegíveis. Foi também regegado o voto do presidente da república para os casos de conflito entre as duas casas de parlamento. —(L.)

Um novo barco
BERLIM, 20.—O novo barco «Warbar», movido a cilindros rotativos, iniciou hoje as suas experiências na baía de Heliholand. O navio está equipado com três cilindros e desloca 2.870 toneladas. —(L.)

TIVOLI
A's 21 horas
O triunfo de Lagardère

Segunda e última jornada de
O CORCUNDA
Adaptação do romance de PAUL FEVAL

Max Linder
na America
COMÉDIA EM 6 PARTES

Uma cine farça
Uma cine revista
Amanhã: MATINÉE A'S 3 HORAS

TEATRO
APOLO
HOJE
A CASA DE SUZANA

A mais divertida e monumental
comédia
Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal
Nos principais papéis os artistas:
Irene Gomes, Milti Alves, Joao Caldas, Artur
Rodrigues, Luís Ribeiro, Elvira Velez
e Bino Alves
Encenação do professor NUNO DE MELO
SCENARIOS NOVOS
Excentrico e artístico Jazz-Band

AVISO AO PÚBLICO

Na padaria da rua Senhora
da Glória, 64, fabrica-se pão
com bolor

Não fazemos reclame, porque isso agreria a modéstia dos ladrões amigos do povo. Proclamamos a grande verdade social, a verdade que só um Messias saberia clamar: na padaria instalada no n.º 64 da rua Senhora da Glória, que pertence à histórica e bem popular Companhia Nacional de Alimentação, o pão é fabricado por um processo interessante.

Ora, expliquemos: o caixete chama-se Diamantino e tem uma alma como o seu nome simboliza — embriaga-se inocentemente e mais vezes do que se deseja. E quando está de molho, em cozedura de uma bebedeira, o sr. Diamantino manda pôr de molho o pão bolorento. E quando a água vegetal do sr. Carlos Pereira conseguiu desfazer o pão bolorento como se colorido fosse, o inocente sr. Diamantino manda que ele seja misturado, à laia de farinha de 2.º, com a farinha que a Companhia Nacional de Alimentação dirá de primeira. E com esta mistura se fabrica o pão de família, assim chamado pelo grande número de pessoas que envenena.

O forneiro da padaria, Manuel Esteves, não queria ser cúmplice de uma epidemia assoladora. Por isso, não sabendo compreender os altos feitos do Diamantino, protestava constantemente. O caixete, na sua lixeira incipiente, mandava calar o forneiro.

No sábado último o Diamantino estava inocentemente trágico. Aos habituals protestos do Esteves, o caixete amparou-se ao balcão, para não cair de bôco, apontou-lhe uma pistola e ameaçou-o com inúmeras tiros.

O forneiro, Manuel Esteves chamou um patrón de segurança, mas este não quis proceder, alegando falta de testemunhas. E o Diamantino, conforme poude, lá se equilibrou, a cerrar as portas, não deixando que o Esteves terminasse a luta.

Voltou o forneiro, domingo de manhã, a receber o seu salário. O caixete recordou-

se das suas dividas insolvidas à taberna e decidiu descontar 40 escudos ao Esteves, sob o pretexto de não ter trabalhado o resto do tempo. E como o espoliado protestasse, surgiu uma vez mais a pistola e desembocou em ameaças de epidéptico.

O Esteves não esteve com meias medidas e atirou-lhe um péso de meio quilo. O bolo-muñuço não foi deveras atingido, pois ficou sem ferimentos, e os Esteves foi preso e no dia seguinte sótio. Ao pretender recuperar o seu lugar, soube que o Diamantino dera parte à Companhia, que despediu o forneiro, determinando que não fosse admitido em qualquer das suas padarias.

Só ficou o caixete a vender pão bolorento — e ficamos nós a avisar o público.

Um rei que se distrai

BELGRADO, 20.—O soberano visitou os pontos assolados pelas recentes tempestades que causaram enormes prejuízos. —(L.)

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

A protecção de Deus
aos seus fiéis

De tudo se colhem ensinamentos, muitas vezes proveitosos. E' o caso que, estando

encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Um cônslul deslavado

TRIESTE, 20.—O cônslul geral da Iugoslávia nesta cidade desapareceu, deixando um deslaque de dois milhões e meio na caixa do consulado a seu cargo. —(L.)

Dão-se alvícaras...

LONDRES, 20.—O correspondente do Daily Mail em Genebra, mostra-se indignado com a perda dos traços do Rei da Bulgária, desde que saiu de Milão. —(L.)

Monchique

Açambarcamento de azeite

MONCHIQUE, 19.—Estão novamente a abusar, do povo desse maladido burgo os detentores de azeite—gênero de primeira necessidade e que tanta falta faz.

O motivo de tal abuso é devido à avidez e à ganância destes círculos, que se pudessem ver nas suas algibeiras a pele e o sangue dos exploradores ainda achavam pouco.

Sendo Monchique fértil neste produto, não há razão para se fechar a sua venda, a não ser para aumentarem o preço, o que é uma pouca vergonha, visto já estarem vendendo o azeite a seis escudos o litro. Já estarem? Não é bem assim; já estiveram, pois agora escasseia e algum que os açambarcadores vendem custa seis escudos e oitenta centavos.

O pior é que o povo sofre tudo isto caindo sem se resolver a dar uma lição medida nos seus exploradores, que parecem contar de antemão com o não protesto das suas eternas vítimas.

Censura à imprensa

Cá também foi nomeado uma comissão de censura, que tem por fim pôr uma «mordaça» no quinzenário local, visto o ditador

A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES

perdão, queríamos dizer o administrador, não gostar da forma como o mesmo encara um determinado número de coisas que se relacionam com o bem-estar do povo.

O pão

Há dias, a autoridade local, em virtude dumha carta inserta em O Monchique, resolviu chamar a administração todos os padres e padreas, para que elas fixassem o preço porque podiam vender cada quilo de pão, visto a referida carta demonstrar a forma como o povo era roubado, pois comprava pão a três escudos e cinqüenta centavos o quilo em vista de não ser pesado.

A princípio o administrador mostrou deseo de estabelecer um preço fixo por cada quilo de pão e fiscalizar para que o povo não fosse roubado, mas, esta sunidade que tem pelo povo o mesmo amor que o Diabo nutre pelo arcanjo São Miguel resolveu; talvez por imposição dos corregidores, não mais se importar com tal assunto, ficando o povo calado, com que muito folgou a referida autoridade que, para conseguir a ordem, está tentando fazer retroceder à situação de escravos a quais que, por escarne, se chamam trabalhadores.

As tabernas

Causou certa admiração a primeira medida que o novo administrador levou à prática após a sua subida ao poder. Conseguiu ela em conceder às tabernas, centros de desmoralização, a permissão de fecharem uma hora mais tarde.

Horário de trabalho

No meio do operariado da construção civil lavrava surdo rumor contra a atitude do administrador do concelho, que procura por todos os meios iludir os delegados do Sindicato da Construção Civil, que junto deles têm ido reclamar para que seja cumprido o decreto referente ao dia normal de oito horas de trabalho.

A atitude desta autoridade faz supor que está na administração como delegado do patrónato local e não como representante do governo. O que assim nos faz falar é a atitude do patrónato que, após ter tomado posse o novo administrador, começou a exercer coacção sobre o operariado, para que trabalhasse do nascer ao pôr do sol, dizendo que não tinham mérito de ser multados, pois que o administrador não dava fôrça nenhuma aos delegados—fiscais do Sindicato e que este ia acabar.

O patronato, em parte, falava verdade pois parece que numa das ocasiões em que os delegados do Sindicato da Construção Civil, procuraram o administrador, este disse-lhes que concordava que deviam trabalhar os dias inteiros e que não multava ninguém por que achava as multas pesadas. Consta que em face da atitude do administrador a Comissão Administrativa do Sindicato da Construção Civil, vai dirigir uma carta aberta ao governador civil demonstrando quanto é prejudicial a atitude da autoridade referida, que assim pretende estabelecer uma luta que é desnecessária.

O novo administrador parece querer levar tudo para o campo da ilegalidade. Mais uma vez, como no caso das tabernas, se torna incoerente poise que, em determinado período, levantou uma acréscima campanha contra a ilegalidade de estar um escrivão demonstrando quanto é prejudicial a atitude da autoridade referida, que assim pretende estabelecer uma luta que é desnecessária.

O novo administrador parece querer levar tudo para o campo da ilegalidade. Mais uma vez, como no caso das tabernas, se torna incoerente poise que, em determinado período, levantou uma acréscima campanha contra a ilegalidade de estar um escrivão demonstrando quanto é prejudicial a atitude da autoridade referida, que assim pretende estabelecer uma luta que é desnecessária.

E' digna de menção a atitude da Comissão Administrativa do Sindicato da Construção Civil, no caso do horário de trabalho, pois tem tentado levar tudo por meios susciosos, para que amanhã quando tiver de entrar em luta poder dizer que o faz por que já se lhe esgotaram todos os meios brancos e incompatíveis. Seria, por via de quem aceitou tal cargo?

E' caso para lhe dizer as palavras que o velho do Restelo dirigiu a D. Manuel I: «Oh! glória de mandar—joh! vã cubica dessa vaidade a que chamamos fama!»

Vaidade de mandar triste desejo!...

E' digna de menção a atitude da Comissão Administrativa do Sindicato da Construção Civil, no caso do horário de trabalho, pois tem tentado levar tudo por meios susciosos, para que amanhã quando tiver de entrar em luta poder dizer que o faz por que já se lhe esgotaram todos os meios brancos e incompatíveis.

Segundo o mesmo sr. Higino Lopes só havia o direito a pagar 130\$00, isto é, o custeio do caixão que levou para a cova prematuramente, na força da vida, o malogrado bombeiro, 311, José Pinche.

Essas dificuldades, segundo os referentes, são inúquas visto que o aludido bombeiro faleceu em consequência dum doença adquirida ao serviço, tendo portanto sua família direito a receber aquela verba, conforme, nesse sentido, o preceituado o cofre de reformas, pensões e de auxílio na doença.

Segundo o mesmo sr. Higino Lopes só havia o direito a pagar 130\$00, isto é, o custeio do caixão que levou para a cova prematuramente, na força da vida, o malogrado bombeiro, 311.

Na Morgue de Lisboa, ontem à tarde, João Bernardo Teixeira, natural de Alverca, caiu dumas quinta em Carcavelos, onde residia, o qual foi encontrado em casa morto e crivado de facadas.

Prevê-se que o debate político no primeiro dia de apresentação ao parlamento do gabinete Herriot será dos mais sensacionais destes últimos tempos.

Afirma-se mesmo que Herriot, terminada a sessão, irá ao Eliseu pedir a demissão do governo. —(L.)

Começa a debandada?...

PARIS, 20.—Levassier, alto comissário das habitações no gabinete Briand, dirigiu uma carta ao sr. Herriot declarando afastar-se do seu cargo. —(L.)

Um desafado do sr. Herriot

PARIS, 20.—O sr. Herriot fez aos jornais a seguinte declaraçao: «O governo de união republicana que acaba de constituir-se tem, apenas um fim em vista: defender o franco fora de todo o espírito partidário e, promovendo a nação energia, pede-lhe apenas calma. —(L.)

Prelúdios de um ataque

PARIS, 20.—A imprensa, incluindo a do «cartel», manifesta uma grande reserva em face do novo governo. —(L.)

A França já tem um

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	3509	
Paris, cheque	543	
Suica	3785	
Bruxelas cheque	546	
New-York	1955	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	566	
Brasil	3510	
Praga	558	
Suecia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim	4566	

LIMAS NACIONAIS

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

FÁBRICA

GOARMON & C. a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244—LISBOA —

SALVADOR BARATA, L. DA
RUA DAS ENVIATAS N.º 19-21 a 19-6
TELEFONE T. 546 LISBOA

Fabricantes dos Alivaiados marca **GAIVOTA** e únicos depositários de
PÓ RODRIGUES
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.

MENTES Ilo Dórs—Sociedade Produtos Químicos, Lda. R. 51 de Janeiro, 171, 1.º
Ilhas—JOSE GOES FERREIRA FUNCHAL

A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

OS MISTERIOS DO POVO

(Em publicação)
Grande Romance histórico desde as primeiras Idades à Revolução Francesa

— POR —

EUGENE SUE

Constituindo uma optima colecção dos grandes acontecimentos da humanidade, dividida em períodos históricos distintos, em volumes profusamente ilustrados e artisticamente encadernados.

- I — O Carro da Morte
II — O Carpinteiro da Nazaré
III — A Mãe dos Acampamentos
IV — Ronan, o Vagabundo
V — As Filhas de Carlos Magno
VI — As Cruzadas
VII — A Jacquerie
VIII — Joana de Arc
IX — Os Jesuítas
X — Os Vingadores de Isabel
XI — A Revolta dos Camponeses
XII — A Revolução Francesa

já se encontram publicados até ao IX volume e encadernados até ao IV

PREÇO DE ASSINATURA:

Em séries de 10 tomos a 32 páginas	
Cada série	5\$00
à cobrança, pelo correio	6\$00
Volumes encadernados, cada	10\$00
à cobrança, pelo correio	11\$00

Capas soltas e respectiva encadernação, cada volume 4\$00
Pedidos à Administração de **A Batalha**

Motocicletas SUN; B S A. Bicicletas SUN; B S A.

Accessórios—Contadores para água—Gramofones—Discos

Artigos de futebol—Bicicletas «Onix» com uníões, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 28—LISBOA

Livros em espanhol

A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00
La Revolucion Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes) 20\$00
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Agustín Souchy. 25\$00
La Ucrania revolucionaria, Agustín Souchy. 1\$50
Anarquismo y organización, Rolando Rocker. 1\$50
Entre campesinos, E. Malatesta. 1\$00
En Ucrania, Rudenko. 1\$00
Miguel Bakunine, J. Guillame. 1\$00
Los anarquistas (Estudo e replíca) Lombrino e Mella. 1\$00
Errico Malatesta, Max Nettlan. 1\$00
Artistas y Rebeldes, R. Rocker. 1\$00
Nicolai, Romain Rolland. 1\$00
¿Soviet o Dictadura?, Varin. 1\$00
El Estado moderno, Kropotkin. 1\$00
Dictadura y Revolucion, Luis Fabri. 1\$00
Bolshevismo y Anarquismo, Rolando Rocker. 1\$00
Problemas universitários, Lelio O. Leno. 1\$00
La Revolucion, José Tarralvo. 1\$00
Dios y el Estado, M. Bakunine. 1\$00
Paginas selectas, Munital. 1\$00
Ensayos y Conferencias, Pedro Gori. 1\$00
Dos años en Russia, E. Goldman. 1\$00
Quinet, Falaz. 1\$00
La pena de muerte, G. Alomar. 1\$00
El Teatro del Pueblo, V. de Pedro. 1\$00
El Teatro del Pueblo, por Valentín Pedro. 1\$00
Acción Directa, por Angel Pestaña. 1\$00

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulado **El otro amor** de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Elseu Reclus—Anarquia e a igreja 1\$00
Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura. 50\$0
José Prat—A burguesia e o proletariado. 50\$0
A necessidade da Associação. 50\$0
Content. —Contra o confusionalismo. 50\$0
Alfredo Neves Dias. —Razão (poema social). 50\$0
Landauer. —Social Democracia. 50\$0
R. Mela. —O princípio do fim. 50\$0
•• A maçonaria o proletariado. 50\$0
J. Most. —Peste religiosa. 50\$0
R. Definições sociais. 50\$0
Horas anárquicas (versos). 50\$0
•• Carnet de Pensamento. 50\$0
J. Bakunine. —No sentido em que somos anarquista. 50\$0
Chueca. —Como não ser anarquista. 50\$0
B. Lazare. —A Liberdade. 50\$0
I. Etr. —A minha defesa. 50\$0
Kropotkin. —Os bastidores da guerra. 50\$0
Moral anarquista. 50\$0
O espírito revolucionário. 50\$0
J. Guedes. —Lei dos Salaríos. 50\$0
Briand. —A greve geral. 50\$0
R. Roland. —Russia Nova. 50\$0
•• O sindicalismo e os intelectuais. 50\$0
D. Carvalho. —A gestão sindical no período revolucionário. 50\$0
A. Hamon. —A crise do socialismo. 50\$0
J. Santos. —A transformação da sociedade. 50\$0
Neno Vasco. —Georgicas. 50\$0
Greve de inquilinos, teatro. 50\$0
•• Proletariado Histórico. 50\$0
G. Archinoet. —A Revolução e o Sindicismo. 50\$0
C. Charles Rates. —A ditadura do proletariado. 1\$00
Emilio Chapelier. —Porque não creio em Deus. 1\$00
Rodolfo Rocker. —O sindicalismo revol. e a organização operária. 1\$00
Trostky. —Constituição política da República dos Soviéticos. 50\$0
G. Williams. —O Congresso da International Sindical Vermelha. 1\$00
C. de G. O. N. M. —Procissão consciente. 50\$0
José Tarralvo. —La Revolucion. 1\$00
Lélio O. Zeno. —Problemas universitários. 2\$00
La Revista Blanca. —Arte, Ciência e Literatura. Cada número. 1\$50

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas doas de casa. Preço, 50\$0; pelo correio, 28\$00. Pedidos à administração de A Batalha

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÉNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã..... 16\$00
Alexandre Herculano
Lendas e Narrativas (2 volumes). 18\$00
Cartas (2 volumes). 18\$00
Adolfo Lima
Contracto do Trabalho..... 10\$00
Educação e ensino..... 5\$00
Aquilino Ribeiro
Anatólio France..... 3\$00
Estrada de São Tiago. 10\$00
Jardim das Tormentas. 10\$00
Via Sinaus. 10\$00
As Filhas da Babilónia. 10\$00
Augusto de Sousa. —Folhas perdidas (Fados). 10\$00
Bento Faria. —Missas novas (teatro em verso). 1\$00
Binet-Sanglé. —A loucura de Jesus. 4\$00
Charles Darwin—Origem das espécies. 14\$00
Campos Lima
O Estado e a evolução do Direito. 12\$00
O Amor e a Vida. 5\$00
Céia dos Pobres. 2\$00
A Revolução em Portugal. 6\$00
Buckner. —O homem segundo a ciéncia. 12\$00
Duarte Lopes
Frei Sangue. 5\$00

Eça de Queiroz
O crime do Padre Amaro. 18\$00
O primo Basílio. 15\$00
O Mandarim. 8\$00
Os Maias (2 vol.). 28\$00
A Relíquia. 15\$00
A Cidade e as Serras. 12\$00
Fradique Mendes. 9\$00
Casa Ramires. 9\$00
Prossas Bárbaras. 9\$00
Ecos de Paris. 9\$00
Cartas Familiares. 9\$00
Cartas de Inglaterra. 9\$00
Minas de Salomão. 9\$00
Notas Contemporâneas. 15\$00
Últimas páginas. 15\$00

Ernesto Haeckel
História da Criação. 20\$00
Origem do Homem. 5\$00
Os enigmas do Universo. 14\$00
Monismos. 6\$00
Religião e evolução. 6\$00

Faguet
Iniciação filosófica. 5\$00
Iniciação literária. 10\$00

Faria do Vasconcelos
Problemas escolares. 5\$00
Por terras de além mar. 5\$00

Ferreira de Castro
Sangue Negro. 2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor. 8\$00

F. Castro e E. Frias. —A Bóca da Estrela. 8\$00

Flammarion
Iniciação astronómica. 5\$00
Contos de Juan. 5\$00

Horas anárquicas (versos). 5\$00

•• Carnet de Pensamento. 5\$00

J. Bakunine. —No sentido em que somos anarquista. 5\$00

Chueca. —Como não ser anarquista. 5\$00

B. Lazare. —A Liberdade. 5\$00

I. Etr. —A minha defesa. 5\$00

Kropotkin. —Os bastidores da guerra. 5\$00

Moral anarquista. 5\$00

O espírito revolucionário. 5\$00

J. Guedes. —Lei dos Salaríos. 5\$00

Briand. —A greve geral. 5\$00

R. Roland. —Russia Nova. 5\$00

•• O sindicalismo e os intelectuais. 5\$00

D. Carvalho. —A gestão sindical no período revolucionário. 5\$00

A. Hamon. —A crise do socialismo. 5\$00

J. Santos. —A transformação da sociedade. 5\$00

Neno Vasco. —Georgicas. 5\$00

Greve de inquilinos, teatro. 5\$00

•• Proletariado Histórico. 5\$00

G. Archinoet. —A Revolução e o Sindicismo. 5\$00

C. de G. O. N. M. —Procissão consciente. 5\$00

José Tarralvo. —La Revolucion. 1\$00

Lélio O. Zeno. —Problemas universitários. 2\$00

La Revista Blanca. —Arte, Ciência e Literatura. Cada número. 1\$50

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas doas de casa. Preço, 50\$0; pelo correio, 28\$00. Pedidos à administração de A Batalha

bre uma mesa, e o carrasco meteu-lhes as mãos entre umas taboinhas guarnecidadas de laminas de chumbo. Com um parafuso podiam apertar-se até quebrar os ossos do paciente...

— Ah! bradou Serdan, com horror, êsses detalhes são medonhos...

— Tilly, disse João de Witt, sempre com voz firme, não me oculteis nada; eu quero saber tudo! Oh! meu irmão, pobre e querida vítima!

— Durante os preparativos da tortura, o rosto de Cornelio estava pálido, mas impassível. Um dos juízes aproximou-se dele e disse-lhe:

— «Com que então não quereis confessar nada?»

— «Nada tenho a confessar, replicou vossa irmão.

— Persistes, portanto, em sustentar que não tinheis concebido o plano de mandar assassinar o sr. príncipe de Orange?

— «Se eu quisesse matar o príncipe de Orange, não me serviria do braço de outrem para isso.

— «Acusado, insistiu o juiz, a tortura pôde obrigar-vos a confessar o que agora negais.

— «Embora me fizesseis em bocados, senhor, nunca me fariares a confessar um crime em que nunca se quer pensei.

— «Então... negais?

— «Nego.»

— «Um sinal do juiz, o carrasco deu uma volta ao parafuso, e as taboinhas apertaram-se, esmagando as mãos de Cornelio. A pesar das suas horríveis dores, vossa irmão conservou-se sempre impassível e mudo.

— Mas, de repente, um grande alarido se ouviu, vindo do exterior. Eram os gritos do povo reunido à porta da prisão:

— «Abaixo o partido francês!»

— «

A BATALHA

POR DUAS VÍTIMAS

O proletariado internacional exige o reconhecimento jurídico da inocência de Sacco e Vanzetti

Voltou a ter incremento a campanha de salvação de Sacco e Vanzetti. Supõe-se que a confirmação da sentença anularia todas as possibilidades de salvação das duas vidas que o capitalismo pretende sacrificar à sua existência. A campanha de agitação transmudava-se, pois, num vibrante e clamoroso protesto contra a proxima e, porventura, inevitável execução. O proletariado ficaria no direito de vingar oportunamente a afronta que o capitalismo lhe fazia cruelmente. A questão caia no terreno da luta de classe, e, neste terreno, teria de ser pleiteada e decidida em última instância.

E quando se lançava em campo o supremo recurso — a greve geral — recurso que não será, tão cedo, posto de lado, aparece inopinadamente o português Celestino Medeiros a declarar-se autor do crime!

Voltaram as esperanças, surgiram novas probabilidades de salvação. Os juizes e os carrascos terão de sofrer novo compasso de espera. Ainda que não queriam! A razão e a justiça impunham-se, em todas as eras, aos mais fortes e aos mais violentos poderes.

Não está, ainda, tudo perdido. A princípio, os juizes de Boston recusavam as novas provas que a defesa jurídica lhes apresentava. O protesto internacional atinge, porém, formidáveis proporções. Na Argentina, a polícia procura impedir as sessões e os comícios, mas as reuniões fazem-se à força e a polícia tem de travar verdadeiros combates para as dissolver. Na Itália, o operariado não pode reunir-se, mas a campanha faz-se com larguezas, por meio de imprensa e milhares de telegramas e ofícios são enviados às autoridades consulares e diplomáticas norte-americanas, acreditadas junto do governo italiano. De toda a parte acorrem os comités de defesa Sacco-Vanzetti quantiosos donativos para que nada falte à demonstração jurídica da incontestável inocência dos dois desventurados trabalhadores. Nos Estados Unidos a agitação não é menor: preparam-se a greve geral com toda a actividade e energia. O protesto é grandioso e eloquente — e os juizes norte-americanos já aceitaram as provas anteriormente recusadas; as provas já não são postas em dúvida, nem os juizes se empenham mais em ignorá-las...

A batalha entra em nova fase. A revisão do processo torna-se, agora, uma possibilidade; a salvação de duas vidas uma ansiosa esperança.

A confissão do português Celestino de Medeiros

No Supremo Tribunal de Massachusetts, o advogado da defesa, William Thompson, apresentou um memorial pormenorizado que eventualmente virá a influir na decisão dos juízes.

No memorial cita-se e transcreve-se a declaração formal e escrita de Celestino Medeiros. Este homem, a quem os jornais americanos chamam *Madefois*, está largamente cadastrado na polícia como satedor de bancos e transeuntes.

Medeiros diz que, de cumplicidade com um indivíduo chamado Morelli, que chefiava um bando, que assaltava de preferência os comboios no distrito de Providence, Rhode Island, matou o cobrador e o seu companheiro, de cujo assassinato foram acusados Sacco e Vanzetti.

Confessou o mesmo Medeiros ao advogado Thompson, que com ele falou, que se juntou ao bando de Morelli em Abril de 1920. Os que compunham o bando persuadiram-no a associar-se ao seu plano de assalto e roubo do cobrador da companhia State Morril. Medeiros aceitou e partiu com o bando em direção Boston.

As primeiras horas do dia do crime, souberam os do bando que o cobrador saíra do estabelecimento com elevadas quantias, a fim de efectuar pagamentos. Regressou o bando a Providence, dirigindo-se sem demora a South Brinshore. Neste lugar assaltaram, então, o cobrador e quem o acompanhava. Mataram-no e despojaram-no de quanto levavam.

O bando dispersou-se. Medeiros foi na noite seguinte a Providence, a fim de obter a sua parte, mas não encontrou nenhum dos seus cumplices. Verificou que tinha sido por eles enganado e roubado.

Medeiros juro que falava verdade, mas negou-se a revelar os nomes dos que compunham o bando. O advogado Thompson soube, porém, que os cumplices de Medeiros estão internados em várias penitenciárias, a cumprir penas.

Em face de tais elementos, o Supremo Tribunal não poderá juridicamente recusar a revisão do processo. Mas a batalha está ainda indecis, porque os juízes americanos, se bem sentindo-se abalados pelo protesto internacional, procuram fugir à pressão. O juiz Underhill — um reacionário — anda opinando que as provas são os recursos agora empregados pelos radicais — que radicais — para “iniciar a mais perfida propaganda, nos Estados Unidos e nas outras nações, com o fim de desacreditar o governo norte-americano e preparar a implantação do comunismo russo” Santa ignorância — refina da mal!

O proletariado tem de decidir, tem de exigir imperiosamente que Sacco e Vanzetti não sejam sacrificados à existência do capitalismo. A questão está posta no campo da batalha de classes.

Um pedido dos deputados trabalhistas

LONDRES, 20 — Os deputados trabalhistas ingleses enviaram ao governo de Massachusetts, pedindo novo julgamento do processo de Sacco e Vanzetti, em virtude da espontânea confissão de um dos verdadeiros culpados. — E.

Federação Têxtil

A comissão administrativa resolveu formular um protesto público contra o premeditado atentado das autoridades norte-americanas na confirmação da sentença que ameaça as vidas de Sacco e Vanzetti.

Impressores Tipográficos

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

A água é escassa e não presta. Quando acabará esta infamia?

PÁGINAS ESCOLHIDAS

O PODER

Aqueles que consideram o Estado como uma espécie de génio providencial apelaram em vão para este novo deus, se quisessem criar totalmente, ou organizar a solidariedade social. “Quando se recorre ao poder público para realizar um determinado objectivo social — diz Jellinek — o resultado que definitivamente se obtém é, por inteiro, fora das previsões que podem fazer-se. Por exceção, o Estado pode chegar, aplicando a força bruta, a realizar um resultado social bem determinado, posto que negativo. Encontram-se exemplos na história da contra-Reforma e no tempo da Convenção, em França; mas estes mesmos resultados são muito restritos; duram pouco. Pode até notar-se que toda a tentativa, não dissimulada, do poder para exercer uma influência sobre os destinos de um povo suscita uma oposição violenta, e aumenta, conforme a lei que estabelecemos mais atras, a solidariedade dos partidos adversários, imprudentemente convidados à luta.

As leis e os decretos não fazem os costumes; ora o Estado é apenas forte na medida em que a legislação está de acordo, senão com a “consciência colectiva” pelo menos com a grande maioria dos indivíduos unidos numa mesma aspiração. “Só lhe pertence, numa franca medida, regularizar, conforme dados internacionais, a perpétua transformação da sociedade. Pode, por hábeis instituições, “contribuir numa larga parte para criar as desigualdades sociais, ou, no sentido inverso, aplaná-las”; e, por isso mesmo, pode contribuir para desenvolver modos de mesquinha ou larga solidariedade, tornar mais fácil a coesão por servilismo ou por assimilação quanto é a maior das forças de coerção, e os meios de corrupção, de ação indirecta, quase nunca faltam aos governos. Mas, ainda que a doutrina jurídica nos afirme que o Estado na sua soberania está acima de todo o poder organizado, e que não está sujeito a nenhum, o próprio soberano é o escravo de poderosas forças sociais, e estas não actuam sob a forma de uma vontade consciente.

O Estado não pode provocar nem impedir o aparecimento de novas formas de solidariedade social. É apenas, perante esta, um produto e um meio de realização. Dissemos desde o começo deste estudo que a solidariedade supõe, mas apenas como resultado da interdependência e da coesão, um poder exercido pela colectividade, ou em seu nome, sobre os indivíduos espontaneamente agrupados. Este poder, posto que tenha uma força material, é essencialmente uma força moral, resultante de outras forças intelectuais e morais em que reconhecemos factores da solidariedade. É, num sentido, a consciência colectiva que o homem primitivo venera, que o homem civilizado respeita, mas que, como se diz da consciência moral do indivíduo, mais refreia os apetites perturbadores do que faz nascer as inclinações fecundas.

De La Solidarité Sociale

MOBILARIA

Sindicato de Faro — Recebemos ofício; aguardamos novos informes.

Sindicato do Pórtico — Recebemos ofício; vamos imediatamente tratar do assunto e depois informaremos.

Em Cascais

Rendimentos dos operários

CASCAIS, 19 — Um lamentável incidente roubou ontem a vida a um pobre operário e deixou dois em perigo de vida. Quando procediam à limpeza dum furo, foram atacados pelos gatos deletérios, tendo sido socorridos pelos bombeiros que os refriaram já prostrados. O morto chamava-se Francisco Inácio e os seus dois companheiros Manuel Fernandes e Inácio da Silva. Recêce-se que o primeiro fique cego. Um dos sócios da fábrica, da Pequena Pessoal, teve o arrojo de afirmar que os desditos estavam embriagados o que provocou a reação de toda a gente. Quando estavam prestes a terminar o serviço, a mulher do Inácio foi buscar vinho, mas não chegou a ser bebido. Assim é que está certo e disso não temos prova. O resto são cantigas do sr. Pessoal que devia ter recomendado aos seus operários o máximo cuidado com a limpeza, o que naturalmente não fez.

Um moço de fretes selvaticamente agredido pela polícia

No transacto domingo foi agredido à batida no largo da Guia um pobre moço de fretes, que a acompanhado por outros seus colegas residentes todos eles no prédio nº do mesmo local.

O pobre homem encontra-se em estado grave no hospital de S. José, devido àquele que sofreu no acto da agressão, apanhou, com violência com a cabeça no empedramento da rua, jorrandos sanguinosamente pela cabeça e pelos ouvidos.

Contra esta violência da polícia, lavra grande indignação no bairro, pois o pobre moço de fretes Almeida que fazia “esquina” ao largo do Terreirinho era muito bem sucedido e bem comportado, não se justificando assim, de modo algum, a violência de que foi vítima.

Parece que a vítima desta ignóbil agressão policial ficou com as suas faculdades mentais fortemente alteradas.

Educação Social

Revista de pedagogia e sociologia

Liderada pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Reatores, 125 — LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

Impressores Tipográficos

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti.

A direção resolviu protestar perante o ministro dos Estados Unidos contra a sentença que ameaça a vida de Sacco e Vanzetti